

O Poder do Reino de Deus (Marcos 8,34-9,1)

The Power of the Kingdom of God (Mark 8,34-9,1)

Júlio Paulo Tavares Mantovani Zabatiero

Resumo

A tese deste artigo é que a aproximação poderosa do Reino de Deus anunciada em Mc 9,1 ocorre na crucificação de Jesus enquanto eixo do evento messiânico libertador. O dito de Mc 9,1 oferece uma contribuição importante para a compreensão do conceito de poder no Evangelho de Marcos, além de sugerir uma revisão da concepção apocalíptica binária da história da salvação, mediante a qual a história humana é meramente provisória, uma história imanente que apenas serve de suporte à história transcendental do Reino de Deus. Mediante a discussão das principais interpretações do dito de Jesus em 9,1 o artigo apresenta uma leitura exegética da perícope e uma série de argumentos conceituais e hermenêuticos para justificar a sua tese. O conceito de poder defendido no artigo é o de poder enquanto serviço libertador, enquanto solidariedade transformadora que se opõe ao conceito e prática do poder enquanto dominação, conquista e assujeitamento.

Palavras-Chave: Poder. Reino de Deus. Evangelho de Marcos. Cruz. Impotência.

Abstract

The thesis of this article is that the powerful approach to the Kingdom of God announced in Mc 9:1 occurs in the crucifixion of Jesus as the axis of the liberating messianic event. The saying of Mc 9:1 offers an important contribution to the understanding of the concept of power in the Gospel of Mark, in addition to suggesting a review of the binary apocalyptic conception of the history of salvation, through which human history is merely provisional, an immanent history which only serves as support for the transcendental story of the Kingdom of God. Through a discussion of the main interpretations of Jesus' saying in 9:1, the article presents a reading of the textuality of the pericope and a series of conceptual and hermeneutical arguments to justify its thesis.

The concept of power defended in the article is that of power as a liberating service, as a transformative solidarity that opposes the concept and practice of power as domination, conquest and subjection.

Keywords: Power. Kingdom of God. Gospel of Mark. Cross. Powerlessness.

Introdução

Neste artigo visou apresentar o conceito de poder do Reino de Deus em Marcos a partir da análise de Mc 8,34-9,1 com atenção especial ao dito aparentemente enigmático em 9,1. Há uma ampla discussão na exegese contemporânea sobre esta perícopa, especialmente sobre o dito conclusivo. A interpretação mais frequente da passagem mostra uma concepção de poder como vitória sobre inimigos, como conquista e ocupação plena do espaço-tempo do outro. Considero que esta visão, apesar de majoritária na pesquisa, está equivocada. É uma leitura que depende de uma visão binária da espaço-temporalidade do Reino de Deus – em contraste com a visão ‘unitária’ da história defendida na Teologia da Libertação –, de um conceito de poder contrário ao apresentado no próprio Evangelho e de uma concepção do Reino de Deus como uma realidade trans-histórica, em vez de um evento histórico imanente.

Para defender a sua tese o artigo é assim estruturado: apresentação sintética da interpretação dominante da perícopa (1), seguida de uma breve análise textual de Mc 8,34-9,1 (2) que serve de base para a defesa argumentativa da tese na última seção do artigo (3). Tendo em vista o caráter polêmico da interpretação da perícopa, o número de citações relativamente longas é maior do que o que seria costumeiro em artigos de periódicos.

1. A chegada poderosa do Reino como superação da presença frágil em Jesus

A discussão exegética contemporânea tem sua concentração em Marcos 9,1 e especialmente na interpretação da *chegada poderosa* do Reino de Deus. Há diversas possibilidades de compreensão do referente temporal desta promessa, todas baseadas, porém, em um conceito de poder enquanto dominação legitimada juridicamente, enquanto capacidade de impor sobre outras pessoas a sua própria visão de vida:

A declaração de que há “alguns [de vocês] aqui presentes que de modo algum morrerão até que vejam o reino de Deus vindo com poder” tem recebido muita discussão, pois parece que esta profecia não foi cumprida (cf. 13,30). Este versículo parece dizer que alguns dos ouvintes de Jesus viveriam para ver, num futuro próximo, a vinda do reino de

Deus em poder, que está associada à parousia do Filho do Homem (Kümmel 1957:27). Contudo, a consumação final do reino e o aparecimento glorioso do Filho do Homem para julgar o mundo não ocorreram durante a sua vida. Todos os discípulos morreram, isto é, provaram a morte (Hb 2,9; cf. também 2Esd 6,26), sem, aparentemente, terem visto o Filho do Homem entrar em e vir com seu reino (Mt 16,28). Numerosas tentativas foram feitas para resolver esta dificuldade (cf. Brower 1980). Elas incluem ver o reino de Deus chegando em poder como se referindo a (1) a ressurreição de Jesus dentre os mortos (J. Edwards 2002: 260); (2) a vinda do Espírito sobre a igreja no Pentecostes; (3) a queda de Jerusalém em 70 d.C. (McKnight 1999:128-30); (4) perceber ou tomar consciência do fato de que o reino de Deus “já chegou”, isto é, foi realizado (Dodd 1961:37–38; cf. Evans 2001:28–30; France 2002:344–45); (5) experimentar a dimensão realizada da chegada do reino (Pesch 1980b:66; Brower 1980:37-41), que incluiria as opções 1, 2 e 3; (6) a transfiguração como uma previsão proléptica e cumprimento preliminar da vinda do reino (Cranfield 1959:287-88; Pesch 1980b:67; Nardoni 1981:381-84; Gundry 1993:469; Evans 2001:29); (7) a parousia, e, então, Jesus errou (Hooker 1991:212); e assim por diante.¹

Esta citação de Stein resume as principais opções exegéticas na pesquisa acadêmica norte-atlântica,² também presentes, porém, na exegese latino-americana, conforme os exemplos apresentados a seguir. O primeiro vem de exegeta evangélico:

Como no texto de Daniel, também em Marcos o Filho do Homem não desce à terra, mas vai até Deus e recebe o reino. E quando isso acontece em Marcos? Bem, não acontece. Jesus nunca vai a Deus de forma visível como faz em Lucas-Atos. Mas em 9,1-8, temos um vislumbre disso de forma visionária. Aqui, na transfiguração, os discípulos têm uma antevisão da glória futura do Filho do Homem, à qual ele terá acesso através da ressurreição. E toda a cena é precedida pela afirmação de que esta é uma visão do reino de Deus vindo com poder. Observe as palavras no grego: ver (οἶδα), poder (δύναμις), reino (βασιλεία), Deus (θεός), Filho do Homem (ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου), glória (δόξα), nuvem (νεφέλη). Compare isso com a LXX de Daniel 7,13-14: Eu vi (εἶθεωρον), nuvens (νεφέλων), filho do homem (υἱὸς ἀνθρώπου), reino (βασιλεία). [...] É uma visão das coisas celestiais que assegura aos discípulos que as coisas terrestres serão afetadas por ela. Portanto, embora a vinda do reino com poder, que implica a entrega de domínio e

¹ STEIN, R., Mark, p. 410-411.

² Uma opção ausente desta lista é apresentada por Mascilongo: “Por fim, podemos citar a opinião de quem leu a passagem no sentido oposto: da comparação com as outras ocorrências da expressão ‘ver o reino’ (13,26 e 14,62) um sentido negativo é expressão hipotética, que em outros lugares é sempre dirigida aos adversários: quando o reino chega ‘potencialmente’ é para derrotar e aniquilar. Portanto, a referência de Jesus não seria aos discípulos, mas aos seus adversários, que terão de lidar com o poder do reino, capaz de se impor contra todas as adversidades. Esta parece também uma interpretação possível, embora não particularmente convincente, sobretudo porque não se destaca como a mais imediata de uma passagem que, pelo contrário, parece inspirar confiança e positividade nos seguidores de Jesus” (MASCILONGO, P., *II Vangelo*, p. 519).

autoridade ao povo do Filho do Homem, não aconteça na narrativa, ela é predita através da visão como algo que acontecerá em breve. A ressurreição permitirá que este poder e autoridade sejam concedidos a Jesus, o Filho do Homem, e o reino virá em breve, na Galileia, onde os discípulos, segundo a crença do evangelista, verão a sua realização na terra. Isto é especialmente justificado pela falta de uma narrativa de ascensão em Marcos. É bastante possível que Marcos pensasse que isso iria acontecer durante a sua vida e em conexão com a destruição de Jerusalém.³

Vena adota uma posição híbrida (que mescla as interpretações 3 e 6 na citação de Stein, incluindo a noção de que Jesus entregará o reino aos discípulos na Galileia): na transfiguração os discípulos veem – um mero vislumbre profético – a futura chegada do Filho do Homem. A entrega do Reino ao povo de Deus, ou seja, aos discípulos, porém, dar-se-á na Galileia e a sua realização poderosa se concretizaria na destruição de Jerusalém. Ele não deixa claro, porém, como estabelecer esses vínculos entre transfiguração, as aparições aos discípulos e a destruição de Jerusalém. Em especial, com relação ao último ponto, o autor não apresenta qualquer argumento que eventualmente comprove essa opção já descartada pela maioria dos intérpretes da pericope.

O segundo exemplo vem do Comentário Bíblico Latino-Americano:

a experiência cristã, até então, é a de que o reinado de Deus chegara com Jesus, mas talvez fosse muito mais forte ainda o impacto da perseguição e da morte, e morte de cruz, sofrido (*sic*) por Jesus e por seus discípulos mais próximos. O ‘dia do Senhor’, a vinda do Reino com poder, ainda era aguardado. [...] O olhar para a vinda do Filho do Homem cria a conexão entre o anúncio da paixão e o da ressurreição, enquanto aguça a expectativa da parusia. Esta conexão, criada aqui pela primeira vez dentro da tradição sinótica, tem como objetivo ensinar aos discípulos e discípulas de Jesus que o caminho da salvação já está traçado. Com Jesus, o Filho do Homem, não só irrompeu a soberania de Deus (1,11-15), mas – a partir da ressurreição – implantar-se-á definitivamente o Reino de Deus (9,1).⁴

O argumento dos autores é interessante: o fato de que os cristãos ainda sofrem perseguição seria a razão para entender que o Reino ainda não chegou “em poder”, o que ocorreria apenas na parusia. Este argumento situa a interpretação no âmbito da comunidade que recebe o Evangelho, mas não leva em consideração o próprio conceito de poder no Evangelho de Marcos. O problema principal deste tipo de interpretação é que seu conceito de poder é distinto do conceito presente no Evangelho. Consideram o *poder* como força vitoriosa no sentido corrente no mundo antigo. Poder é a capacidade

³ VENA, O., Jesus, p. 136-137.

⁴ SOARES, S.; CORREIA JÚNIOR, J.; OLIVA, J., Marcos, p. 323.

de impor a sua própria visão e implementar o seu próprio governo com força conquistadora e derrota dos inimigos.

O terceiro exemplo:

Depois deste ensino, como vínculo entre o antecedente e o que segue, temos, como transição: ‘deveras vos digo que há alguns aqui presentes que não experimentarão a morte até que vejam o Reino de Deus vindo com força’ (9,1). A vinda de Jesus na glória é tão verdadeira que alguns dos presentes não morrerão sem ter a experiência dessa glória, que se cumprirá na cena seguinte, na transfiguração.⁵

De que maneira a transfiguração⁶ representa, de fato, a chegada poderosa do Reino de Deus? Como uma antecipação da ressurreição de Jesus? Como uma antecipação da *parousia*? Como um vislumbre da divindade de Jesus? Embora haja vários indícios textuais que ligam a perícopes da transfiguração com a perícopes de Mc 8,38-9,1 não é logicamente consistente a afirmação de que a chegada do Reino *com poder* é vista em um evento proléptico. Se o evento prenuncia algo, não pode ser um cumprimento, é – pura e simplesmente – um prenúncio, uma antecipação, jamais um cumprimento. A relação entre 9,2ss com 8,34-9,1 deve ser explicada de outra maneira, não como uma relação do tipo promessa-cumprimento.

Um último exemplo, que nos encaminhará para a interpretação da sentença polêmica:

Embora Marcos sempre nos deixe com perguntas sem resposta, a explicação mais coerente com o paradoxo teológico que subjaz a todo o Evangelho (e que está mais em sintonia com o conteúdo das palavras de Jesus nesta passagem) é que “o reino de Deus com poder” equivale à morte e ressurreição do Filho do Homem (8,31; ver o comentário a 13.24-37). Este paradoxo supremo – poder na fraqueza, glória na humilhação – é o sinal que Jesus promete a seus discípulos! Em sua debilidade, o “homem mais forte” derrotará

⁵ LLAJARUNA, M., La enseñanza, p. 46.

⁶ Esta é também a interpretação de Joel Marcus: “O posicionamento de 9,1 no Evangelho, porém, também conecta a vinda do domínio de Deus em poder com a transfiguração (9,2-8), que 9,9 parece entender como um prenúncio da ressurreição – uma interpretação natural, já que Jesus é retratado na narrativa da transfiguração falando com duas pessoas que não estão mais na terra (Elias e Moisés). Uma interpretação ressurrecional de 9,1 também é apoiada pelo fato de que *en dymamei* (‘em poder’) é usado em Rm 1,4 para designar a condição do Jesus ressuscitado (1 Co 6,14; 15,43; e ver Schlosser, Règne, 1.338). Quando chegasse a 9,9, portanto, o público de Marcos provavelmente entenderia ‘o domínio de Deus plenamente vindo em poder’ telescopicamente, como uma referência à glória ressurreta de Jesus prefigurada na transfiguração e que em breve seria exibida publicamente na parusia (Nardoni, ‘Redactional Interpretation’)” (MARCUS J., Mark 8-16, p. 622).

o poder do “homem forte”. Sem dúvida, para a “geração” que tenta matar Jesus, ela não é um sinal, é um escândalo. Será, também, sinal de sua própria condenação.⁷

Considero esta linha interpretativa a mais adequada. Se imaginarmos a aproximação poderosa do Reino como se referindo à *parusia* do Filho do Homem (ou eventos similares) como a concretização de um poder que não esteve presente na vida terrena de Jesus, pensaremos como os discípulos que não aceitaram a revelação de Jesus sobre sua própria morte. Ou permaneceremos nos limites da teologia dualista da *Heilsgeschichte* (história da salvação), com sua noção de duas histórias dialeticamente interagindo entre si. Nessa visão dual da escatologia, a vinda do Reino na pessoa de Jesus foi uma vinda *frágil*, somente na sua volta com os santos anjos é que a vinda do Reino será *poderosa*. Na teologia da libertação essa visão dualista da história foi corretamente rejeitada. Se pensarmos no poder do Reino como o poder de derrotar os seus inimigos, permaneceremos nos limites da metafísica da presença com sua violência absoluta que nega a historicidade em sua dinâmica de presenças e ausências. Para resolver o problema da interpretação de Marcos 9,1, todavia, precisamos levar em conta não só a própria perícope e seu lugar no enredo do Evangelho, mas também o próprio conceito de poder no Evangelho marciano.

2. A aproximação poderosa do Reino na crucificação do Messias

Embora estas linhas de interpretação sejam as mais comuns (transfiguração, ressurreição e *parusia*), considero que há um caminho melhor de interpretação do texto, que: (a) leva a sério o conjunto da perícope; (b) leva em consideração o conjunto de textos sobre poder no Evangelho; (c) não se perde no caminho metafísico e dualista das duas histórias; e (d) oferece uma interpretação mais adequada do conceito de *poder* no Evangelho de Marcos. A promessa de Jesus, no contexto, é simples: dentre os que estão seguindo a Jesus, e estão sujeitos ao mesmo tipo de morte que Jesus sofrerá, alguns, porém, sobreviverão e verão a aproximação poderosa do Reino. Em que consiste essa *aproximação poderosa*? Um dos fundamentos da interpretação aqui oferecida é a compreensão do verbo grego como *aproximação* e não como *chegada* conforme nas interpretações apresentadas brevemente acima.

2.1. Tradução e Delimitação

⁷ COOK, G.; FOULKES, R., Marcos, p. 223.

^{8,34} Então, convocando a multidão e juntamente os seus discípulos, disse-lhes: Se alguém⁸ quer vir⁹ após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me. ³⁵ Quem quiser, pois, salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por causa do evangelho¹⁰ salvá-la-á. ³⁶ Que aproveita ao ser humano ganhar o mundo inteiro e perder a sua vida? ³⁷ Que daria um ser humano em troca de sua vida? ³⁸ Porque qualquer que, nesta geração adúltera e pecadora, se envergonhar de mim e das minhas palavras,¹¹ também o Filho do Homem se envergonhará dele, quando vier na glória de seu Pai com os santos anjos. ^{9,1} Dizia-lhes ainda: Em verdade vos afirmo que, dos que aqui se encontram, alguns há que, de maneira nenhuma, provarão a morte até que tenham visto o reino de Deus ter se aproximado poderosamente.

Esta perícope é, literariamente, uma coleção de cinco ou seis ditos ou provérbios que, isoladamente, produzem significados muito distintos dos que são formados quando lidos como um todo literário. A chave teológica é a exortação de Jesus: “Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (εἴ τις θέλει ὀπίσω μου ἀκολουθεῖν, ἀπαρνησάσθω ἑαυτὸν καὶ ἀράτω τὸν σταυρὸν αὐτοῦ καὶ ἀκολουθεῖτω μοι). Os versos 35-38 têm a conjunção γάρ, indicando sua subordinação ao dito do final do v. 34. 9,1 parece algo deslocado do período, mas a mudança temporal em 9,2 e o vínculo estrutural com 8,34 (ambos iniciam com a conjunção καί) são decisivos para mantê-lo com os versos anteriores. Os ditos podem, originalmente, ter existido separadamente ou terem formado grupos menores pré-marcados. Eles são encontrados separadamente, em contextos diferentes e em formas ligeiramente diferentes, em Mt 10,33.38–39; Lc 14,27; Jo 12,24–26 e Evangelho de Tomé 55. Diante das limitações de um artigo, não poderemos discutir os aspectos crítico-literários e redacionais na formatação da perícope.

Há estudos que excluem 9,1 desta perícope e entendem o verso como o início da perícope seguinte sobre a transfiguração de Jesus (9,1-9), não são, porém, a maioria. Dentre quem mantém 9,1 como parte da perícope, discute-se se ela começa em 8,34 ou antes (v. 31 ou mesmo v. 27). A maioria dos estudos, porém, considera 8,34-9,1 como a delimitação correta da perícope. Levando em conta a estrutura da perícope conforme delineada a seguir, considero correta a delimitação em 8,34-9,1. A perícope, porém, não pode ser lida sem ser levado em conta o seu lugar no enredo do Evangelho, pois é situada entre a primeira (8,27-33) e a segunda (9,30-34) “predições” da paixão e ajuda

⁸ a B C* D L W 33.

⁹ ⋈ A B C2 K L 33 leem “vir” (ἐλθεῖν). Escolhi a *lectio difficilior*, pois *seguir* se harmoniza com o mesmo verbo no final do versículo.

¹⁰ ⋈ A B C K L W 0214 acrescentam (ἐμοῦ καὶ), ausente de p 45 D e outros. Novamente, a *lectio difficilior*. O acréscimo pode ter sido causado pela presença das palavras no v. 38 e sua presença em Mateus e Lucas.

¹¹ Seguindo Metzger, mantive a palavra omitida em vários MSS.

a compor o que podemos chamar da primeira nova instrução de Jesus aos discípulos pós-revelação da identidade messiânica de Jesus (8,34-9,29). Nesta subseção de que faz parte,¹² 9,1 serve também como *link* para a fala de Jesus sobre a transfiguração (os laços de vocabulário são significativos e dão suporte parcial à consideração de 9,1 como início da nova perícope, mas não são decisivos¹³).

2.2. Segmentação e Estruturação

A estrutura da perícope é quiástica¹⁴. Em itálico indico os vínculos entre cada dupla de segmentos:

(A) ^{8,34} Então, convocando a multidão e juntamente os seus discípulos, *disse-lhes*: Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me.

(B) ³⁵ *Quem* quiser, pois, salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por causa do evangelho salvá-la-á.

(C) ³⁶ *Que* aproveita ao ser humano ganhar o mundo inteiro e perder a sua vida?

(C') ³⁷ *Que* daria um ser humano em troca de sua vida?

(B') ³⁸ Porque *qualquer que*, nesta geração adúltera e pecadora, se envergonhar de mim e das minhas palavras, também o Filho do Homem se envergonhará dele, quando vier na glória de seu Pai com os santos anjos.

(A') ^{9,1} *Dizia-lhes* ainda: Em verdade vos afirmo que, dos que aqui se encontram, alguns há que, de maneira nenhuma, provarão a morte até que tenham visto o reino de Deus ter se aproximado poderosamente.

A perícope gira ao redor da questão da morte como consequência do seguimento de Jesus. Assim como nos versos anteriores Jesus anunciara a necessidade da prisão, morte e ressurreição do Filho do Homem, também aqui ele instrui a multidão e seus

¹² Boring indica a coerência temática entre as três perícopes de 8,27 a 9,1 em bora considere mais correto ler as três como segmentos de uma única perícope. Para efeitos deste artigo, não é uma diferença determinante: “A ‘confissão’ de Pedro e a resposta de Jesus representam claramente um importante ponto de viragem na narrativa de Marcos. Os intérpretes geralmente concordam que há três subunidades aqui: 8.27-30, a ‘confissão’ de Pedro e a ordem de silêncio; 8:31–33, a primeira ‘predição da paixão’ de Jesus e a ‘repreensão’ mútua de Pedro e Jesus; 8:34–9:1, a instrução de Jesus aos seus discípulos e às multidões sobre o significado do discipulado. Estas não são unidades discretas. Embora as sinopses e as ‘harmonias’ evangélicas muitas vezes subdividem esta seção, na narrativa de Marcos essas três subunidades são elementos integrantes de uma cena e serão aqui tratadas como um todo” (BORING, E., Mark, p. 235).

¹³ Cook e Foulkes situam 9,1 nas duas perícopes, com a seguinte explicação: “Se esta interpretação for correta, a sentença em 9,1 somente introduz o episódio seguinte de forma secundária. De fato, o relato da transfiguração de Jesus será um passo adicional em nossa compreensão do paradoxo do Reino que Jesus expressou em 9,1” (COOK, G.; FOULKES, R., Marcos, p. 223).

¹⁴ Assim também MARCUS, J., Mark, p. 623.

discípulos sobre os riscos do discipulado. Quem segue uma pessoa destinada a ser executada pelo Império (e rejeitada por sua própria “nação”), não pode se refugiar no anonimato. O centro do quiasmo (C + C’), com duas perguntas retóricas, coloca a responsabilidade interpretativa sobre a audiência de Jesus (ouvintes e/ou leitores[as] do Evangelho) e enfatiza o caráter decisório do seguimento de Jesus: a iniciativa, no caso desta perícopé, não é a de Jesus chamando a pessoa para segui-lo, mas da pessoa que *decide* seguir a Jesus.

Na virada do Evangelho, não é só a resolução de Jesus em permanecer fiel à sua vocação que está em questão. Também está em jogo a fidelidade dos discípulos (doze) e de quem segue a Jesus dentre a multidão (por isso a perícopé inicia convocando a multidão juntamente com os discípulos). No caso dos discípulos, a hora é especialmente decisiva: ouviram e aceitaram o chamado, e agora, permanecerão com o Mestre? Está em jogo a motivação para seguir a Jesus, conforme se depreende da dupla (B + B’). Em (B) se trata da motivação imediata: a pessoa segue Jesus para salvar sua própria vida? E agora, diante da possibilidade da própria morte, continuará seguindo Jesus? (B’) mostra a consequência da motivação inadequada e da consequente infidelidade ao Mestre Jesus: ganhará a sua vida *aqui*, mas perderá a vida verdadeira quando da vinda do Filho do Homem.

A dupla (A + A’) estabelece, mediante contraste, o novo arcabouço do discipulado: é preciso negar a si mesmo e tomar a sua cruz. A seriedade da nova situação é reforçada no dito final que, aparentemente, estaria fora de lugar, mas pertence coesamente à perícopé: toda pessoa que seguir a Jesus deve estar disposta a morrer como o Mestre morrerá. Nem todas as pessoas, porém, morrerão “até que tenham visto o Reino de Deus ter se aproximado poderosamente”. É necessário tomar cuidado com o que se deseja (εἶ τις θέλει ὀπίσω μου ἀκολουθεῖν): o caminho do Mestre é repleto de estações prazerosas: ensino, milagres, exorcismos, sinais, prodígios. A estação (quase) final, porém, é uma cruz – a morte sob a condenação imperial.

A terminologia usada em (A) é técnica e pertence ao âmbito da educação rabínica, ao campo do *discipulado*. A exortação inicia com uma oração subordinada adverbial condicional: “se alguém quer me seguir” e indica o desejo de se tornar discípulo(a) de Jesus. Este dito de Jesus foi colocado estrategicamente por Marcos aqui, logo após a revelação de Jesus aos discípulos de que ele, o Filho do Homem, deveria ser preso, condenado e executado. Revelação à qual os discípulos reagiram negativamente, especialmente Pedro que veementemente adverte Jesus e, em troca, é severamente advertido pelo Mestre. A’ se relaciona a A por meio de contraste: para seguir a Jesus é necessário assumir a disposição de morrer (carregar a cruz), nem todas as pessoas que seguem Jesus, porém, enfrentarão a morte antes de virem o Reino de Deus se aproximando poderosamente ao mundo.

2.3. Síntese

Em síntese, agora as condições do discipulado de Jesus estão claras: não se trata de seguir um pregador que faz milagres, expulsa demônios e, de algum modo, iria libertar poderosamente Israel da dominação romana. O Messias Jesus afirma com toda a clareza: ele não se livrará da morte, ele não matará para libertar, ele morrerá para libertar (ressuscitará, sim, mas antes deve morrer). Então, como o discípulo partilha da vida do Mestre, Jesus exorta os que estão ao seu redor, inclusive seus “discípulos”: “você quer continuar me seguindo? Ótimo! Estejam prontos para morrer junto comigo”. As três orações coordenadas, que formam o núcleo da exortação, criam um crescendo: “negue-se a si mesmo” (ou seja, abra mão de seus direitos e expectativas messiânicas); “tome a sua cruz” – a linguagem é parcialmente metafórica (a expressão se refere ao fato de um condenado ter de carregar parte da cruz até o local da execução), mas no contexto da fala e da vida de Jesus sua dimensão literal não pode ser descartada: quem segue um condenado à morte pode ser condenado com ele; então, e somente então, sabendo bem quais são as circunstâncias que envolvem o seguimento de Jesus, vem o convite: “siga-me”, ou, se preferirmos: torne-se meu discípulo(a).

O centro da perícope enfatiza o custo do discipulado: quem dá valor à sua própria vida (física), acima do valor dado à vida com Deus, morrerá. Que valor pode ter esta vida (física) quando comparada com a vida com Deus (‘eterna’)? Qual é o valor da vida ‘eterna’? Existe algo neste mundo que possa valer tanto quanto ela? Os ditos que se acumulam operam a partir da dialética entre a vida física e a vida eterna, entre a vida “deste χρόνος” e a vida do καιρός messiânico. Ser discípulo de Jesus significa fazer uma escolha radical: deixar de viver de acordo com os padrões do χρόνος e passar a viver de acordo com os padrões do καιρός messiânico. E esses padrões incluem a possibilidade de sofrer o mesmo tipo de rejeição e condenação sofrido pelo Messias. É preciso enxergar além do χρόνος: “qualquer que, nesta geração adúltera e pecadora, se envergonhar de mim e das minhas palavras, também o Filho do Homem se envergonhará dele, quando vier na glória de seu Pai com os santos anjos”. O χρόνος do Filho do Homem, no momento de sua fala aos discípulos, é o da vergonha – e não havia maior vergonha no mundo romano do que a de ser executado na cruz. O καιρός messiânico, porém, aponta para um tempo de glória (o contrário da vergonha), assim, quem se envergonha agora, será envergonhado no καιρός, quem aceita a desonra, agora, receberá a honra no καιρός. Tendo dito todas estas coisas apavorantes, Jesus concluiu com uma promessa, e esta promessa é o problema de que trataremos na sequência.

3. O Reino se aproxima de forma poderosa

A tese deste artigo é a seguinte: a aproximação poderosa do Reino se dá na crucificação do Messias e desencadeia um conjunto de consequências históricas. Na sequência, os argumentos em defesa da tese, que dão continuidade à análise da períclope no segmento anterior.

(a) Começo com a análise da espaço-temporalidade do verso que aponta para uma interpretação não metafísica da presença do Reino. O texto grego é incisivo em seu arranjo espaço-temporal: ἕως ἄν ἴδωσιν τὴν βασιλείαν τοῦ θεοῦ ἐληλυθυῖαν ἐν δυνάμει: (1) até que *tenham visto* – o verbo “ver” está no aoristo, indicando o aspecto completo-terminativo da ação que ocorrerá, porém, apenas no futuro: essas pessoas *verão mesmo* a aproximação do Reino; (2) “o reino de Deus” está em posição enfática na oração, antes do seu verbo; e (3) o verbo grego está no perfeito: ἔρχομαι significa “vir” “aproximar-se” e é modificado pelo adjunto adverbial ἐν δυνάμει, que preferi traduzir por *poderosamente* (é mais elegante em português do que uma tradução “literal” *em poder* ou *com poder*). O sentido do verbo deve ser entendido de modo similar ao do verbo ἤγγικεν em Mc 1,15: o reino de Deus está vindo na pessoa de Jesus e permanece vindo. Tanto ἐληλυθυῖαν quanto ἤγγικεν em 1,15 indicam que a presença do Reino de Deus não pode ser entendida de modo “metafísico”, como uma presença forte, que ocupa totalmente o espaço. A aproximação do Reino pode ser vista, mas não pode ser experimentada como uma chegada avassaladora, que ocupa totalmente o tempo e o espaço e anula a historicidade da vida humana diante de Deus. A interpretação histórico-salvífica tradicional é construída a partir de uma visão dualista binária da história, tributária de uma concepção metafísica da presença.¹⁵ Se o Reino vier totalmente a consequência será o fim da história humana. Para que isso não aconteça, então, se dá o recurso ao dualismo: o Reino *já* veio, mas de forma inaugurada, não consumada. Assim, a vinda do Reino gera um binarismo: duas histórias se sobrepõem, mas a que durará para sempre é obstaculizada pela que terá seu fim com a nova chegada do Reino – a chegada *consumada* do Reino. Nesta interpretação, a chegada do Reino com o Jesus terreno é uma chegada frágil, que retém seu próprio poder para permitir a liberdade humana de resposta. A chegada poderosa do Reino só poderá ocorrer no *fim dos tempos*, na parusia, em que a presença do Reino de Deus será tão avassaladora que porá fim a esta história humana dominada pelo pecado.

A concepção metafísica binária da presença do Reino configura o poder de Deus de modo contrário ao que foi ensinado por Jesus aos seus discípulos. O poder do Reino não é o poder de assassinar, destruir, conquistar. O poder do Reino é o poder da auto-entrega, do auto sacrifício, conforme Mc 10,42-45:

¹⁵ Não é possível no espaço deste artigo descrever o conceito de metafísica da presença, cunhado por Jacques Derrida em sua releitura da história da filosofia ocidental e do conceito heideggeriano de destruição. Para o conceito em Derrida, ver DERRIDA, J., *Margens* e DERRIDA, J., *Posições*.

Mas Jesus, chamando-os para junto de si, disse-lhes: Sabeis que os que são considerados governadores dos povos têm-nos sob seu domínio, e sobre eles os seus maiores exercem autoridade. Mas entre vós não é assim; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós será servo de todos. Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos.

O serviço não é expressão da fragilidade do Reino, mas de seu poder, de sua autoridade, de sua presença sempre *em aproximação*. A “consumação” da vinda do Reino não pode ser o contrário da sua aproximação. O Reino veio *em serviço* e ‘será consumado’ *em serviço*.

(b) A estrutura da perícope (que vimos acima), também aponta para a cruz como o *locus* da aproximação poderosa do Reino. Mc 9,1 está em paralelo em Mc 8,34 – quem permanecer fiel a Jesus no momento de sua crucificação verá a aproximação poderosa do Reino.¹⁶ Os dois versos, porém, não podem ser lidos apenas como indicações de um acontecimento histórico específico. Eles definem paradigmaticamente o que significa seguir a Jesus, o que significa ser fiel ao Deus que reina em seu Filho. Quando olhamos 8,34 a partir de 9,1 constatamos que o caminho do discipulado é o mesmo caminho do Mestre. Se o seu caminho o levou até a cruz, também o caminho do discipulado, para as pessoas que permanecerem fieis a ele, poderá levar à mesma condenação e execução. Tanto o discipulado quanto a crucificação de Jesus precisam ser lidos em sua dimensão política – não política estatal ou partidária – em sua dimensão reveladora de um novo caminho de poder e honra (binômio jamais separado no mundo mediterrâneo antigo). A auto-negação não se refere a uma rejeição da identidade pessoal, dos direitos da pessoa ou de sua dignidade. A auto-negação no seguimento de Jesus é a recusa do *cursus honorum* greco-romano: a honra baseada na nobreza, poder e riqueza. A honra de Jesus é revelada decisivamente na cruz, não na ressurreição. A ressurreição é confirmação divina do *cursus honorum* do Messias, do Filho do Homem Jesus. O *poder* da ressurreição não é o poder de anulação da morte, mas o da confirmação da eficácia libertadora da morte de Jesus.

(c) As seguidoras de Jesus viram a aproximação poderosa do Reino na crucificação. Michael Bird oferece um argumento literariamente significativo. Quem

¹⁶ Em resumo, então, quando lido no contexto do mundo cultural do primeiro século e da narrativa mais ampla de Marcos, Marcos 8:34 não é uma exortação ao sofrimento e à vitimização em geral. É uma exortação para permanecermos fiéis a Jesus e ao governo de Deus diante da perseguição, e até mesmo da execução, por parte das autoridades políticas. Embora o fim de muito sofrimento humano seja concretizado pela irrupção do governo de Deus na história no ministério de Jesus, a perseguição por seguir Jesus é uma possibilidade real enquanto durar esta era. Qualquer leitura desta passagem como encorajadora do sofrimento individual é uma leitura errada do texto (DEWEY, J., Let them, p. 103).

seriam essas pessoas que veriam a aproximação poderosa do Reino? No conjunto do Evangelho de Marcos, mulheres proporcionam um melhor paradigma do discipulado do que homens, conforme podemos inferir de relatos sobre quatro mulheres específicas, mas sem nome no livro: 5:25-34 (a mulher que padeceu 12 anos); 7:24-30 (a mulher siro-fenícia); 12:41-44 (a viúva e sua oferta) e 14:3-9 (a mulher que unge Jesus em Betânia).¹⁷ É digno de nota que no momento da morte de Jesus somente mulheres, além do centurião romano, estão presentes: “O centurião que estava em frente dele, vendo que assim expirara, disse: Verdadeiramente, este homem era o Filho de Deus. Estavam também ali algumas mulheres, observando de longe; entre elas, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, o menor, e de José, e Salomé; as quais, quando Jesus estava na Galileia, o acompanhavam e serviam; e, além destas, muitas outras que haviam subido com ele para Jerusalém” (Mc 15,39-41)¹⁸. Somente um homem está presente e reconhece quem é Jesus – um centurião romano que sequer fora seguidor de Jesus – os discípulos de Jesus estavam aterrorizados e, incapazes de entender o ensino do Mestre, ficaram esperando a aproximação do Reino. Assim como a confissão do centurião revela o sentido do princípio do Evangelho (ἀρχή Mc 1,1), a cruz é o ἀρχή do Reino. Foram as mulheres discípulas, não reconhecidas como tal no relato, que viram a aproximação arquetípica do Reino:

Curiosamente, 15,40 registra que algumas das seguidoras de Jesus estiveram presentes para observar a crucificação, e há boas razões para supor que a promessa foi cumprida nelas: (1) essas mulheres viram tanto a morte quanto o relato da ressurreição do Filho do Homem (cf. 8,31) que são veículos adequados para a manifestação do Reino; (2) observando que γυναῖκες (“mulheres”) pode ser um paralelo feminino de τινες (“algumas”, 9,1), é possível que esse paralelismo seja intencional (cf. NIV, GNB, TEV “Algumas mulheres”); (3) em 15,41 é relatado deliberada e superfluamente que essas mulheres estavam com Jesus na Galiléia, que abrange Cesaréia de Filipe, onde 9,1 foi proferido - eles provavelmente faziam parte da multidão a quem a promessa foi feita; e (4) as mulheres ocupam um lugar de destaque na narrativa de Marcos e representam, normativamente, exemplos positivos de fé e discipulado (cf. 1,16-20; 2,13ss; 3,13-19; 4,4-20; 7,17-23; 12,42-44; 14,28; 16,7).¹⁹

(d) O conceito de poder em Marcos é o oposto do conceito de poder no seu contexto e este é um ponto decisivo que nas interpretações apresentadas na primeira seção do artigo é desconsiderado. Em todo o Evangelho o poder de Jesus está associado a atos libertadores, especialmente a curas e exorcismos que revelam a opção

¹⁷ Ver, por exemplo, SWARTLEY, W., *The Role*, p. 16-22.

¹⁸ Almeida Revista e Atualizada.

¹⁹ BIRD, M., *Crucifixion*, p. 10.

preferencial de Jesus pelas pessoas impuras e marginalizadas pela religião oficial de seu povo. Os exorcismos revelam o poder de Jesus que *amarra o homem forte* cujo poder é o poder de dominar, subjugar e matar. As curas revelam o poder de Jesus que aprisiona as forças que matam o corpo e minam a mente e o coração.

É claro que essas manifestações de poder foram compreendidas equivocadamente pelo povo em geral e pelos discípulos em especial, conforme o relato de Mc 10,35-45 deixa evidente. Na conclusão da disputa dos discípulos pelo poder do Reino, Jesus lhes ensina o que é o verdadeiro poder divino, messiânico e humano: “Chamando-os Jesus lhes disse: sabeis que as pessoas consideradas como príncipes das nações as subjugam e as pessoas grandes as colocam sob sua autoridade. Não é²⁰ assim entre vós! Ao contrário, a pessoa que quiser ser grande deverá ser a servidora de todos. E a pessoa que quiser ser a primeira deverá se tornar escrava de todos. Pois o filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e para dar a sua vida em resgate de muita gente” (10,42-45). O verso final deveria, inclusive, servir de guia para a interpretação da vinda gloriosa do Filho do Homem, pois que glória há maior do que a de servir como *diácono* e *escravo*? É o serviço messiânico de Jesus que se dá o cumprimento de Dn 7,13-14 e é mediante a morte decisivamente libertadora de Jesus que a vinda gloriosa do Filho do Homem se realiza (contra a visão predominante de que a vinda gloriosa do Filho do Homem equivale à *parusia* futura).²¹

Do ponto de vista imperial romano, o conceito de poder apresentado por Jesus somente poderia ser entendido como ausência de poder, como impotência, como incapacidade de conquistar e manter as conquistas. Do ponto de vista do Evangelho, porém, a impotência (imperial) é o verdadeiro poder. O poder do Reino de Deus é o poder da libertação, da transformação dos valores e paradigmas de governo do mundo. Através do exemplo e da mensagem de Jesus sobre o poder,

uma dinâmica totalmente nova é introduzida no Evangelho – uma dinâmica que altera radicalmente a percepção dos discípulos (e dos leitores) sobre o poder de Deus. Pois entre o poder já visto no ministério de Jesus e o poder esperado no futuro, a vinda escatológica do Filho do Homem (9.1, 13.26, 14.62) reside o paradoxo da cruz. É aqui que se encontra o verdadeiro segredo do reino. O poder de Deus, como Marcos está prestes a demonstrar, não pode ser entendido adequadamente, exceto em termos do seu oposto, a impotência. Através dela somos compelidos a compreender o poder divino como algo inteiramente novo e inesperado — algo que subverte as nossas suposições humanas sobre a forma como Deus trabalha no mundo.²²

²⁰ É digno de nota o contraste temporal: já não é assim, no presente, o exercício do poder. E deverá permanecer assim no futuro – desde que a pessoa que segue Jesus seja fiel ao seu caminho de serviço.

²¹ “Jesus promete, então, que o caminho do ‘serviço’ foi transformado pelo Humano no caminho da libertação” (MYERS, C., Marcos, p. 338).

²² LEE-POLLARD, D., *Powerlessness*, p. 178.

Apresentados os argumentos principais, encaminhamo-nos para o encerramento do artigo apresentando interpretações afins à apresentada aqui.

(e) Gabi Markusse faz uma sugestão interessante para interpretar 9,1, embora, para fundamentar a sua interpretação, ela entenda que o verbo *ver* deva ser interpretado de forma não literal, o que não me parece corresponder ao que se propõe em 9,1:

Quando Marcos usa o termo ‘ver’, ele geralmente está encorajando uma compreensão salvífica. Portanto, quando o Jesus de Marcos fala de alguns que não provarão a morte até verem o Reino vindo com poder, isso poderia ser interpretado como significando que eles não precisarão dar suas vidas por ele (provar a morte) até que tenham compreendido e experimentado o poder do Reino de Deus através da crucificação de Jesus. A vinda do Reino com poder não indica, necessariamente, a vinda na sua plenitude escatológica. Em Marcos, a vinda da salvação é acompanhada pela descida do Espírito Santo sobre Jesus, capacitando-o a viver de acordo com a vontade de Deus.²³

O aspecto de sua leitura que me chama a atenção é o fato de que somente através da crucificação de Jesus as pessoas poderiam entender e experimentar o poder do Reino de Deus. Todavia, leio 9,1 como se referindo a um ato literal de ver a aproximação do Reino de Deus.

(f) N. T. Wright interpreta o verso dentro do seu esquema histórico-teológico de que a vinda de Jesus é o cumprimento da expectativa judaica da volta de YHWH a Sião. Para compreender o argumento é necessário uma citação mais longa do que o usual:

A esta altura já deveria estar claro como uma passagem como esta pode ser lida dentro do paradigma que apresentei. Pedro acabara de declarar que Jesus é o Messias. Jesus respondeu dizendo aos discípulos que ele deveria ser rejeitado e morto. Ele então emite uma convocação, uma advertência e uma promessa, na qual todos os outros “ensinamentos” estão implicitamente contidos: os discípulos devem segui-lo em sua revolução duplamente arriscada; eles terão de abandonar tudo para fazer isso; o reino está prestes a chegar. A implicação é que Jesus via a vinda do reino intimamente ligada à sua própria messianidade, *à sua própria e iminente morte, e à jornada a Jerusalém que englobaria ambas*. Ele encarnaria em si mesmo (isto é) o retorno do exílio, a derrota do mal e o retorno de YHWH a Sião. Uma vez que tenhamos compreendido toda essa sequência de pensamento, como um todo e em suas partes, da maneira como argumentei até este ponto, podemos ver que, do ponto de vista de Jesus, seria realmente assim que o ‘filho do homem’, que também é aqui o ‘filho de Deus’, seria vindicado. Seria assim que YHWH retornaria a Sião; isto é o que ele realizaria quando chegasse lá. Este seria o caminho para a vitória de Deus.²⁴

²³ MARKUSSE, G., Salvation.

²⁴ WRIGHT, N., Jesus, p. 651, itálicos meus.

(g) Brower lê 9,1 tanto como promessa quanto como ameaça, mas o que nos interessa aqui é sua percepção de que os acontecimentos que antecedem a vinda do reino devem ser entendidos em sua unidade essencial:

Em suma, o *logion* crucial em Marcos 9,1 pode ser melhor entendido como uma combinação ameaça/promessa de que o Reino de Deus chegaria ao poder durante a vida de pelo menos alguns dos ouvintes. Eles verão o reino em poder, embora como poder na fraqueza, e que pode não ser percebido como poder. No entanto, na cruz de Jesus, o governo de Deus foi estabelecido de forma decisiva, demonstrado pelas trevas do meio-dia e pelo rasgar do véu, e testemunhado pelo centurião romano. Além disso, Marcos viu claramente a unidade essencial do reino: sua proximidade, vinda, estabelecimento e consumação são todos um Evento e todos são unificados na ação de Deus em Cristo Jesus.²⁵

A aproximação do Reino com poder não pode ser desvinculada da vinda gloriosa do Filho do Homem. Uma aproximação qualifica a outra e ambas constroem mutuamente o seu sentido. A aproximação *gloriosa* é aproximação *crucificada* – doutra forma o reino de Deus se torna o seu oposto: dominação, violência, conquista e destruição do outro. A crucificação é parte de um *evento*,²⁶ é um evento *in evento* que explica todos os acontecimentos messiânicos. Somente desta forma podemos entender o poder do Reino de Deus, poder cuja nuclearidade é revelada na crucificação, que dá sentido ao todo do Reino, à sua completude e plenitude.

Conclusão

Apresentamos uma proposta interpretativa de Mc 9,1 que vê o cumprimento do dito na crucificação do Messias Jesus. Esta interpretação sustenta a tese de que o poder do Reino de Deus é o poder do serviço, da solidariedade e da própria morte. Opondo-se às interpretações que veem na morte a ausência de poder, a fragilidade do Messias, a tese aqui defendida é de que a morte do Messias representa, sim, o poder de Deus em sua essência, em sua manifestação imanente na história humana. Uma concepção paradoxal de poder na medida em que se costuma ver o poder como capacidade de realização, de conquista, de dominação. Mesmo quando se fala no poder enquanto serviço há uma tendência de desvincular poder e morte na cruz. A execução do Messias pelo Império não é manifestação da impotência divina, mas demonstração do poder do Deus que reina na aparentemente frágil imanência do seu Messias.

²⁵ BROWER, K., Mark, p. 41.

²⁶ Uso o termo *evento* no sentido dado a ele por Alain Badiou. Em português pode-se consultar BADIOU, A., São Paulo.

Referências bibliográficas

BADIOU, Alain. **São Paulo: A Fundação do Universalismo**. São Paulo: Boitempo, 2009.

BIRD, Michael. The crucifixion of Jesus as the fulfillment of Mark 9:1. **Trinity Journal**, v. 24, p. 2-11, Primavera, 2003.

BORING, M. Eugene. **Mark: A Commentary**. Louisville: Westminster John Knox Press, 2006. Série New Testament Library.

BROWER, Kent. Mark 9:1 Seeing the Kingdom in Power. **Journal for the Study of the New Testament**, v. 6, p. 17-41, 1980.

COLLINS, Adela Y. **Mark: A Commentary**. Minneapolis: Fortress, 2007. Série Hermeneia.

COOK, Guillermo; FOULKES, Ricardo. **Marcos**. Miami: Editorial Caribe, 1990.

DEWEY, Joanna. "Let them renounce themselves and take up their cross": A feminist Reading of Mark 8:34 in Mark's social and narrative world. **Biblical Theology Bulletin**, v. 34, p. 98-104, 2004.

DERRIDA, Jacques. **Margens da Filosofia**. Campinas: Papirus, 1991.

DERRIDA, Jacques. **Posições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FRANCE, R. T. **The Gospel of Mark**. A Commentary on the Greek Text. Grand Rapids: Eerdmans, 2002. Série The New International Greek Text Commentary.

FROELICH, Margaret. **Jesus and the Empire of God**. Royal Language and Imperial Ideology in the Gospel of Mark. Londres: Bloomsbury Publishing, 2022.

HENDERSON, Suzanne W. **Christology and Discipleship in the Gospel of Mark**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

LLAJARUNA, Miguel A. C. **La enseñanza de Jesús sobre el discipulado: Modelo de seguimiento para la vida cristiana a la luz de Mc 8,27-10,52**. Belo Horizonte: Faje, 2011. (Dissertação de Mestrado em Teologia).

LEE-POLLARD, Dorothy A. Powerlessness as Power: A Key Emphasis in the Gospel of Mark. **Scottish Journal of Theology**, v. 40, n. 2, p. 173-188, 1987.

MANN, Christopher S. **Mark: A New Translation with Introduction and Commentary**. Nova Iorque: Doubleday, 1986. Série Anchor Bible.

MARCUS, Joel. **Mark 8-16**. A New Translation with Introduction and Commentary. New Haven: Yale University Press, 2009. Série Anchor Bible.

MASCILONGO, Paolo. **Il Vangelo di Marco**. Commento esegetico e teológico. Roma: Città Nuova, 2018.

MARKUSSE, Gabi. **Salvation in the Gospel of Mark: The Death of Jesus and the Path of Discipleship**. Eugene: Pickwick, 2018.

MYERS, Ched. **O Evangelho de São Marcos**. São Paulo: Paulus, 2021. Série Grande Comentário Bíblico.

SOARES, Sebastião A. G.; CORREIA JÚNIOR, João L.; OLIVA, José R. **Evangelho de Marcos**. São Paulo: Fonte Editorial, 2012. Série Comentário Bíblico Latinoamericano.

STEIN, Robert H. **Mark**. Grand Rapids: Baker, 2008. Série: Baker Exegetical Commentary of the New Testament.

SWARTLEY, Willar M. The Role of Women in Mark's Gospel: A Narrative Analysis. **Biblical Theology Bulletin: Journal of Bible and Culture**, v. 27, n.1, p. 16-22, 1997.

VENA, Osvaldo D. **Jesus, Disciple of the Kingdom: Mark's Christology for a Community in Crisis**. Eugene: Pickwick, 2014.

WRIGHT, N. T. **Jesus and the Victory of God**. Minneapolis: Fortress Press, 1997.

Júlio Paulo Tavares Mantovani Zabatiero

Doutor em Teologia pela Faculdades EST

Docente da Faculdade de Teologia de São Paulo da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil

Pindamonhangaba / SP – Brasil

E-mail: juliopauloz@hotmail.com

Recebido em: 09/07/2024

Aprovado em: 16/12/2024